

EDUCACIÓN NO FORMAL, ANIMACIÓN Y TURISMO PEDAGÓGICO RURAL: UN ESTUDIO SOBRE LAS EXPERIENCIAS Y APRENDIZAJES PROPUESTOS POR LA HACIENDA ITALIANA CORTE GALVANIGNA

Camilla Adami Mamede¹

mamede.camilla@gmail.com

Profa. Dra. Juliana Pedreschi Rodrigues²

julianaprodrigues@usp.br

Universidade de São Paulo - Brasil

RESUMEN:

Este artículo objetiva, considerando la inserción de la educación no formal en el turismo rural pedagógico, analizar el trabajo desarrollado en la Hacienda Corte Galvagnina, hacienda pedagógica ubicada en la región de Lombardía, en Italia. Como metodología el estudio recurrió al estudio de caso, en la Hacienda Corte Galvagnina y la investigación bibliográfica, la observación sistemática participante, recolección de documentos y realización de entrevista estructurada con el educador/animador responsable por las acciones pedagógicas en la granja seleccionada para la investigación. La elección del tema se justifica debido a la falta de documentos académicos, en portugués, en el Pedagógico de turismo rural, dirigiéndose principalmente a la educación no formal en su carácter interdisciplinar. Para el desarrollo del artículo se buscó discutir algunos elementos relevantes relacionados a la educación formal, no formal e informal y animación sociocultural para luego presentarse la caracterización del local de estudio (Corte Galvagnina), el perfil de los sujetos involucrados en la programación y, a partir de eso, analizar las contribuciones de las actividades no formales desarrolladas en la Hacienda Corte Galvagnina para el proceso de aprendizaje que ocurre en la escuela formal.

PALABRAS CLAVE:

turismo rural pedagógico; Educación Formal; Educación no formal; Animación sociocultural.

1 A autora é bacharel em Lazer e Turismo pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, Brasil. Contato: mamede.camilla@gmail.com

2 A orientadora é professora da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo – Brasil. Docente do Programa de Pós-graduação Mudança Social e Participação Política – PROMUSPP/EACH/USP. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação não formal e animação sociocultural. GEPENFAS/CNPQ/EACH/USP - Brasil. Contato: julianaprodrigues@usp.br

RESUMO:

Este artigo objetiva, considerando a inserção da educação não formal no turismo rural pedagógico, analisar o trabalho desenvolvido na Fazenda Corte Galvagnina, fazenda pedagógica localizada na região da Lombardia, na Itália. Como metodologia o estudo recorreu ao estudo de caso, na Fazenda Corte Galvagnina e a pesquisa bibliográfica, a observação sistemática participante, coleta de documentos e realização de entrevista estruturada com o educador responsável pelas ações pedagógicas na fazenda selecionada para a pesquisa. A escolha do tema justifica-se em razão da carência de trabalhos acadêmicos, em língua portuguesa, sobre Turismo Rural Pedagógico, principalmente abordando a Educação não formal em seu caráter interdisciplinar. Para o desenvolvimento do artigo buscou-se discutir alguns elementos relevantes relacionados à educação formal, não formal e informal e animação sociocultural para em seguida apresentar-se a caracterização do local de estudo (Corte Galvagnina), o perfil dos sujeitos envolvidos na programação e, a partir disso, analisar as contribuições das atividades não formais desenvolvidas na Fazenda Corte Galvagnina para o processo de aprendizagem que ocorre na escola formal.

PALAVRAS-CHAVE:

turismo rural pedagógico; Educação Formal; Educação não formal; Animação sociocultural.

1. Introdução

A educação, como ciência essencialmente dinâmica é atravessada por constantes modificações em seus métodos, contextos e estratégias em seus aspectos práticos e teóricos. Neste contexto, a aceitação e o reconhecimento de alternativas à educação “tradicional” é cada vez maior, estando estas, normalmente, em diferentes diálogos com a educação não formal e educação informal.

O homem vai adquirindo ao longo de sua vida novos aprendizados através de diversos contatos e experiências, sejam entre pessoas conhecidas, estranhas, em situações realidades de seu ou de novos contextos que, em geral, ultrapassam os limites da escola que é reconhecida como o ambiente primeiro e “oficial” de aprendizagem.

É bem recente a valorização de espaços/equipamentos como associações de amigos, clubes, centros culturais, anteriormente vistos como locais sem qualquer função educativa em espaços capazes de promover o convívio e, também, diferentes aprendizagens não formais de educação.

Segundo Garcia (2015), a educação não formal se caracteriza por ser uma maneira diferente de trabalhar com aprendizagens, não se opondo à educação formal, e podendo acontecer de maneira concomitante a ela. Para a autora a trajetória da construção do processo educativo em nossa sociedade, fortemente apoiado na educação formal, resultou na ainda frequente concepção de processo educativo como algo unicamente ligado à educação escolar, e, por isso, em geral, sempre existiu uma certa tendência de se desprezar todo saber que não é escolar, pois grande parcela da sociedade é educada no sentido de valorizar muito mais aquilo que é formalizado, institucionalizado e legitimado por uma estrutura social, no caso a escola (GARCIA, 2015).

Todavia, como vivemos em um constante e contínuo processo de aprendizagem, acredita-se, também, na importância de outros processos educacionais, como a educação não formal e informal que acontece naturalmente no cotidiano, na construção e troca de conhecimentos entre as pessoas, em diferentes contextos, seja em casa, na vizinhança, no trabalho e em outros espaços de convívio.

Então, ao buscarmos o histórico e a origem das discussões sobre o tema encontramos o estudo de Garcia (2015) que apresenta a origem dos debates sobre a educação formal, não formal e informal, em um primeiro momento nos Estados Unidos e na Europa. A autora faz referência à obra de Jaume Trilla (1996) afirmando que a expressão “educação não formal” começou a ser utilizada no campo pedagógico no final da década de sessenta juntamente com uma série de críticas ao sistema formalizado de ensino e à percepção de que a educação formal não era suficiente para responder todas as demandas sociais impostas. Nesse período, os conceitos de “educação não formal” e de “educação informal” eram então utilizados sem distinção, sendo definidos primeiramente em oposição à educação escolar. Segundo a autora, “inicialmente a terminologia educação não-formal e educação informal eram utilizadas até mesmo como sinônimos, com a intenção de se referir a processos educacionais que aconteciam fora da escola” (TRILLA, 1987, apud GARCIA, 2009 p.148).

Garcia (2009) em sua pesquisa apresenta Coombs (1968) como o primeiro autor a teorizar um conceito de educação não formal, e atribui a ele o pioneirismo no reconhecimento e popularização de outras formas e meios educacionais desenvolvidos fora da escola, ao apontar uma série de características relacionadas à importância da educação e os possíveis problemas que as crises nos sistemas educacionais e na própria concepção de educação poderiam acarretar.

No caso da Europa, particularmente na Espanha, Garcia (2009) afirma que o surgimento do conceito de educação não formal ocorre na década de 1980, com o surgimento dos primeiros estudos e publicações sobre o tema. Ainda de acordo com a autora, no Brasil o termo começa a ser utilizado a partir de meados da década de 1980 ainda de forma muito superficial e, a partir de meados da década de 1990, de maneira mais intensa.

Segundo Trilla (2003), importante autor espanhol sobre o campo da educação não formal, há, em um primeiro momento, uma separação da educação em dois subgrupos, sendo um referente à educação informal e o outro referente tanto à educação formal quanto à não-formal.

Outro autor espanhol, Victor Ventosa (2007) diferencia estes dois campos afirmando que tanto na educação formal como na educação não formal existe a presença de um educador que, em geral, é o mediador da relação, enquanto na educação informal este papel não é explícito nem previamente declarado.

Já Jaume Trilla (2003) afirma que a educação informal é aquela que ocorre espontaneamente a partir das relações do indivíduo com o ambiente cotidiano, social, cultural, sem mediação pedagógica explícita, não sendo sistemática, metódica, estruturada, consciente, intencional, e não apoiada nos objetivos ou propósitos pedagógicos da educação formal, mas tendo como característica marcante estar, ou ao menos poder estar presente em todas as manifestações educacionais.

Segundo Gohn (2010), autora brasileira, os campos da educação são autônomos entre si, mas fazendo interferências e diálogos em suas relações. Porém, essa autora, também afirma que é necessário demarcar as diferenças entre esses três campos da educação de forma clara a fim de evidenciar as características e especificidades de cada um. Em cada campo, deve-se pensar quem é o educador, onde se educa e como se educa. A autora esclarece que:

Em princípio podemos caracterizar a educação formal como aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados, a educação não formal é aquela que se aprende (...) via processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianos; e a educação informal como aquela na qual indivíduos aprendem durante seu processo de socialização. (GOHN, 2010, p. 16)

Em decorrência da educação não formal ter surgido em um contexto de crise do processo educativo tradicional, sua definição muitas vezes ela se apresenta em oposição a educação formal. Entretanto, autores como Gohn (2010) e Garcia (2009) e (2015) defendem que a educação não-formal não está em oposição e que podem até estar em complementaridade à formal, mas que uma não pode e nem deve buscar substituir a outra:

(...) a educação não-formal tem um território e uma maneira de se organizar e de se relacionar que lhe é própria e assim não é apropriado que utilizemos instrumentais e características que são do campo da educação formal para pensar e para dizer da educação não-formal. (GARCIA, 2009, p. 25)

Garcia (2009) em sua tese de doutoramento faz um estudo sobre os diversos autores que tentaram compreender e definir a educação não formal e desta forma demonstra que “educação não formal” é um conceito de difícil definição e delimitação pois as diversas definições refletem o processo e contexto nas quais foram criadas. Por isso faz-se necessário levar em conta “os movimentos, as idas e vindas que aparecem no cotidiano dessa especificidade de educação, os conflitos por sua compreensão e até sua definição” (GARCIA, 2009, p. 11).

A autora afirma também que a educação não formal tem como objetivo específico complementar e/ou se opor a educação formal e compreender que os dois campos possuem maneiras diferentes de trabalhar e experimentar a educação, para ela:

(...) a educação não-formal, não tem, necessariamente, uma relação direta e de dependência com a educação formal. É um acontecimento que busca responder a diferentes preocupações com a formação integral do ser humano, no sentido de considerar contribuições vindas de experiências que não são priorizadas na educação formal (GARCIA, 2009, p. 21).

Como primeira característica, a educação não formal não possui um formato rígido. De acordo com o autor português, Afonso (2001), não há fixação de tempos e locais e há flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto. Segundo Gohn (2010), ela pode acontecer nos mais diversos espaços, em locais informais, em territórios que acompanham as trajetórias de

vida dos grupos e indivíduos, locais onde há processos interativos intencionais.

Faz-se importante, contudo salientar que, mesmo com a flexibilidade há na educação não formal organização e estrutura definidas. Gohn (2010, p.18) afirma que a questão da intencionalidade é um elemento importante na diferenciação dos campos da educação, "há intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender, de transmitir ou trocar saberes".

Outra importante característica da educação não formal, afirma Garcia (2009), é a aprendizagem acontecer de forma voluntária, sem haver obrigatoriedade e mecanismos de repreensão e repressão para o não aprendiz. Isso ocorre porque as pessoas estão de alguma forma envolvidas no/e pelo processo de ensino/aprendizagem e buscam uma relação prazerosa com o processo de aprender e com a construção do saber. Entretanto, acrescenta Gohn (2010), que mesmo a participação sendo usualmente optativa, podem ocorrer casos onde a participação possa ocorrer por forças de certas circunstâncias.

Na educação não formal existe um processo educacional como mediador, podendo ele ser o animador sociocultural. No entanto, salienta Gohn (2010, p. 17) " o grande educador é o "outro", aquele com quem interagimos ou nos integramos". Corroborando com Gohn (2010), Garcia (2009) descreve as relações presentes durante o processo educativo na educação não formal:

A educação não-formal pode considerar, valorizar e reafirmar a cultura dos indivíduos nela envolvidos, incluindo educadores e educandos, fazendo com que a bagagem cultural que cada um traz seja respeitada e esteja presente no decorrer de todos os trabalhos, procurando não somente respeitar e valorizar a realidade de cada um, mas indo além, fazendo com que essa realidade perpassasse todas as relações. (GARCIA, 2009, p. 53)

Garcia (2009) afirma ainda que a educação não formal tem como característica não ser estática, sendo uma atividade aberta que está sempre em construção. Nela há espaço para o surgimento de dúvidas, contradições e críticas, propiciando o processo de criação, sendo um campo fértil de reflexão e produção do conhecimento. Ela é composta por uma grande diversidade, sendo bastante estimulante para o campo educacional. Nesse sentido a autora afirma:

A educação não-formal, por ter maior possibilidade de se colocar aberta a ações transformadoras, pode favorecer propostas (...) dando oportunidades para que os envolvidos desenvolvam experiências de criação e experimentem essa relação com o que não é pré-estabelecido, aprendendo a conviver livremente com o processo criativo. (GARCIA, 2009, p. 33)

Finalmente Gohn (2010), em uma tentativa de sintetizar os objetivos e seus benefícios, declara que a finalidade da educação não formal, de maneira geral, é capacitar os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo. Segundo a autora uma de suas metas é a transmissão de informação e formação política e sócio-cultural, preparando os cidadãos de forma mais ampla e menos individualista.

A partir da compreensão sobre o conceito e o campo da educação não formal, informal, entendemos que as possibilidades de participação que a animação sócio-cultural pode oferecer profícuas oportunidades de aprendizagens, trocas e construção de conhecimentos.

2. Animação sócio-cultural em diálogo com as aprendizagens que ocorrem no campo da educação não formal

De acordo com Ventosa (2007), tanto a educação formal quanto a não formal possuem um educador que, em geral, é o principal mediador do processo. No campo da educação não formal essa figura difere da ação de um professor que consiste, em geral, em promover o ensino e a aprendizagem de forma sistematizada, diferentemente do animador que tem como proposta promover a intervenção visando a participação espontânea, a autonomia e transformação de um determinado contexto.

A animação sócio-cultural (ASC) é para Ventosa (2007) um modelo de estratégia de intervenção que se aplica em três diferentes dimensões, classificada por ele como: a cultural, a social e a educativa. Para o autor a ASC pode ser dirigida à todas as fases da vida, seja na infância, juventude, adultos e/ou entre idosos.

No que se refere papel do animador, Ventosa (2010, p.10) resume as funções básicas de um bom animador sócio-cultural afirmando que ele deve “hacer algo que de sentido a la vida de un grupo”, ou seja, a ele cabe fazer com que um grupo cresça, sinta-se bem trabalhando em torno de um projeto comum que possibilite a autonomia, tanto coletiva quanto individual.

Em perspectiva semelhante Ventosa, Ucar (2010) acredita que a dimensão prioritária é a educação, já que a ASC pretende, de maneira intencional, que os participantes adquiram recursos para poder

viver a vida de uma maneira mais satisfatória e digna. Nesse sentido Ucar (2010) afirma que a ASC é um processo de ação e intervenção socioeducativa que pode ocorrer em comunidades como o objetivo de tornar os seus membros sejam sujeitos ativos de sua própria transformação e do ambiente em que vivem.

Como características da ASC, Ucar (2010) afirma que se trata de uma metodologia de intervenção que é, ao mesmo tempo participativa, flexível, criativa, sustentável, despreocupada e eficaz. Nesse sentido, Ventosa (2010) considera o modo de trabalhar e a intencionalidade na ASC, emancipadora e auto-organizada, porque viabiliza as pessoas a desenvolver ações que lhes permitem e favorecem a melhoria de suas vidas.

Em diferentes contextos em que estão inseridos os espaços e ações de educação não formal faz-se importante o papel do animador sociocultural, sendo ele um elemento um elemento imprescindível, pois podem dinamizar e promover processos participativos de qualidade em situações relacionadas, por exemplo, com o cultural, com o esportivo, com o associativismo, com o turismo rural pedagógico entre outras áreas.

De acordo com Klein (2012) o turismo rural pedagógico está inserido no contexto dos espaços de educação não formal sendo, do ponto de vista da educação em geral, uma ferramenta de aprendizagem, partilha e construção de conhecimentos bastante eficiente, onde o agente educativo, neste caso, os agricultores e/ou proprietários rurais, promovem saberes e conteúdos baseados em suas experiências, costumes e tradições.

Segundo Klein (2012) é nesse contexto que as fazendas pedagógicas rurais se inserem e que, as várias funções tradicionais de agronomia e pecuária, passam a se tornar conteúdos interessantes para a aprendizagem de crianças e adolescentes, pelo viés de atividades recreativas, criativas e participativas. Para a autora, em conjunto com a escola, as visitas em fazendas, se adequadamente preparadas, tem o potencial de se transformar em uma rica experiência de aprendizagens sobre as práticas do cotidiano do campo.³

³ De acordo com material disponível no site da Lombardia, promovido pela Direzione Generale Agricoltura di Regione Lombardia. Manual La scuola in Campo: Quando la fattoria incontra la scuola. Possibili percorsi per la scuola primaria. Disponível em: <www.buonalombardia.regione.lombardia.it/wps/wcm/connect/94b1cc9b-ebb2-49ef-895b-3230502ff491/Dossier+3+-+La+scuola+in+campo.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=94b1cc9b-ebb2-49ef-895b-3230502ff491>.

Por isso entendemos que as fazendas pedagógicas podem se tornar laboratórios ao ar livre, pois permitem explorar de uma forma mais ativa diversos conteúdos teóricos, promovendo uma mediação entre a prática do cotidiano das fazendas, onde as crianças podem aprender observando, tocando, cheirando, degustando e ouvindo, envoltas pelo ambiente rural, cotejando esses conhecimentos com as teorias desenvolvidas nas escolas, pela educação formal⁴.

Assim sendo, a seguir apresentamos e analisamos as experiências pedagógicas desenvolvidas na Fazenda Italiana Corte Galvagnina⁵ construída no século XVII, na cidade de Cesole di Marcara, distrito de Mântua, região da Lombardia que, passou por uma reabilitação que recuperou e ressaltou as suas características tradicionais de produção para o desenvolvimento de atividades não formais de educação, com o objetivo de promover o turismo pedagógico rural, tendo a animação sociocultural como elemento mediador de todo o processo de aprendizagem.

3. Sobre o turismo rural na Fazenda Italiana Corte Galvagnina: experiências não formais de aprendizagens

Como experiência no campo da educação não formal, apresentamos a fazenda Corte Galvagnina⁶ que promove o turismo rural pedagógico, onde se operacionalizam e implementam processos pedagógicos de aprendizagem direcionados para crianças e adolescentes, local onde os conhecimentos teóricos adquiridos, principalmente, através da educação formal na escola são colocados em prática em um diálogo com as práticas com o meio rural.⁷

A Fazenda Corte Galvagnina alterou sua principal função, a de produção agrícola e agropecuária, para a de turismo pedagógico rural. Nos últimos 22 anos a sua missão passou a ser a promoção de ações de Educação Ambiental e Científica complementares aos programas escolares formais,

4 De acordo com material disponível no site da Lombardia, promovido pela Direzione Generale Agricoltura di Regione Lombardia. Manual La scuola in Campo: Quando la fattoria incontra la scuola. Possibili percorsi per la scuola primaria. Disponível em: <www.buonalombardia.regione.lombardia.it/wps/wcm/connect/94b1cc9b-ebb2-49ef-895b-3230502ff491/Dossier+3+-+La+scuola+in+campo.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=94b1cc9b-ebb2-49ef-895b-3230502ff491>.

5 Para a descrição valorizamos as relações informais e peculiaridades da família no que se refere as tarefas de gestão e manutenção da fazenda, destacando a importância de cada um, e de seus saberes, nesse processo.

6 Em italiano, o termo utilizado e que define as fazendas pedagógicas é: fattorie didattiche.

7 De acordo com Guia de fazendas pedagógicas de Mântua 2016-2017 do Consorzio Agrituristico Mantovano. O Consorzio agrituristico mantovano é uma associação responsável pela promoção da oferta do turismo rural na região de Mântua. Há um guia com todas as fazendas didáticas da região, um site com informações para professoras, pais e interessados.

integrando, para além dos componentes pedagógicos escolares, as ações de caráter lúdico-recreativas e de desenvolvimento pessoal e coletivo.

Entre as principais atividades a fazenda objetiva proporcionar momentos de contato e de aprendizagem com a vida rural, com os fazeres da agricultura tradicional, através da demonstração do modo como os alimentos são produzidos e de como eles chegam aos nossos pratos, relacionando os programas com os conteúdos temáticos abordados no contexto do ensino escolar, estimulando o espírito crítico dos visitantes e proporcionando uma experiência única e memorável no meio rural⁸.

Hoje, a fazenda Corte Galvagnina ainda mantém a sua estrutura familiar, sendo gerida por uma família composta por Nonna⁹ Rosa, suas duas filhas Maurizia e Virginia e seu genro Vanni Feroldi, sendo ele o responsável pela coordenação das atividades didáticas. Na fazenda cada membro da família é responsável por atividades.

A matriarca da família, Nonna Rosa, antigamente auxiliava na recepção dos visitantes, porém atualmente com 92 anos, diminuiu as suas atividades dedicando-se apenas aos cuidados com a horta. Uma das filhas, Virginia, é responsável por cuidar da limpeza do espaço e dos animais. Por sua vez o genro, Vanni, recebe os grupos, coordena as atividades e cuida de toda a manutenção do espaço.

A fazenda conta, para além das atividades com o turismo rural, com plantações de trigo, milho, uva e produção de lenha e de feno destinados para comercialização que garante os recursos necessários para a manutenção do fazenda. Na fazenda existem também animais com os quais os visitantes podem ter contato direto como a *Vaca Lolla*, as cabras *Trille* e *Trillo*, além de galinhas, galos, coelhos e outros animais como aves, lebres e porcos espinhos que podem ser vistos, especialmente, espalhados pelo território e que podem ser vistos durante um passeio de carreta pela área da propriedade.

Em relação ao público visitante ele é composto principalmente por escolas e também por grupos de visitantes particulares. No caso das escolas a idade dos estudantes normalmente varia dos três aos oito anos de idade, sendo as crianças dos três aos cinco anos das escolas primárias de educação infantil e dos seis aos oito anos da primeira e da segunda série do 1º Ciclo do Ensino Básico

⁸ Dados coletados em entrevista realizada com Vanni Feroldi, o responsável pelas ações didáticas da fazenda Corte Galvagnina.

⁹ O termo *Nonna* na língua italiana significa avó.

italiano¹⁰. Quanto às visitas particulares os grupos são muito heterogêneos mas costumam ser formados por famílias com os pais e filhos com idades entre dois e treze anos.

As informações apresentadas a seguir são fruto de visitas de estudo realizadas durante a uma experiência de trabalho voluntário na Fazenda Corte Galvagnina, durante o verão de 2017, ocasião em que foram realizadas entrevistas, observações, interações e coleta de material audiovisual sobre o espaço físico e sobre as atividades desenvolvidas na fazenda.

4. Apresentação e análise dos dados: práticas não formais e atividades pedagógicas

No verão de 2017, em entrevista realizada com Vanni, observou-se que a mudança da função da fazenda, de produção agrícola para o turismo rural pedagógico, ocorreu após a morte do marido de Rosa, responsável até então pela produção e gestão da fazenda. Após perceberem que a produção agropecuária já não gerava renda suficiente para a manutenção da família e renovação da fazenda percebeu-se a que a experiência de fazendas pedagógicas em outros países europeus poderiam perfeitamente serem desenvolvidas na Fazenda Corte Galvagnina¹¹.

No momento o senhor Vanni Feroldi é o responsável pela preparação e realização das ações didáticas da fazenda Corte Galvagnina, porém em alguns períodos do ano, a fazenda recebe voluntários de diversas nacionalidades, em geral estudantes universitários, que passam a atuar como animadores, com o objetivo de auxiliar no desenvolvimento das atividades pedagógicas.

O senhor Vanni Feroldi, principal educador/animador, investe na importância do “aprender fazendo” durante o processo educativo e que ao desenvolver as atividades, deve-se oferecer aos visitantes uma experiência sensorial que envolva os cinco sentidos.

No que concerne a programação e os desenvolvimento das atividades em toda a propriedade, a adequação dos assuntos tratados é sempre realizada com o intuito de atender o nível de

¹⁰ Sobre o ensino básico italiano, a educação infantil, não obrigatório, Scuola dell'Infanzia, para crianças de 3 a 6 anos. O ciclo obrigatório do Sistema Educacional italiano é dividido em 3 fases: a primeira, Escola Primária dos 6 aos 11 anos; a segunda, Escola Secundária de Primeiro Grau dos 11 aos 13 anos e a terceira, Escola Secundária de Segundo Grau dos 13 aos 18 anos.

¹¹ A Itália se destaca quanto aos projetos de fazendas pedagógicas, onde diferentes projetos de cooperação entre escolas e propriedades rurais vêm sendo desenvolvidos há mais de uma década, recebendo apoio de entidades locais e incentivos dos governos (NAPOLI, 2006). A região da Lombardia conta com 200 fazendas didáticas. A Direzione Generale Agricoltura di Regione Lombardia incentiva as fazendas por meio de projetos desde 2001, o principal propósito desses projetos relaciona-se à sensibilização e consciência acerca da origem de produtos alimentares regionais típicos, baseado em um processo de cooperação de caráter contínuo entre escolas e propriedades rurais.

desenvolvimento dos grupos envolvidos de acordo com as diferentes faixas etárias. As visitas geralmente têm a duração de 3 a 7 horas, incluindo os intervalos para os lanches e almoço e dependendo da disponibilidade das escolas.

As várias atividades didáticas que a fazenda desenvolve durante o ano variam de acordo com a época do ano. Entre elas destacamos:

O grão: a baga ao pão (3-10 anos)

Partindo da espiga de trigo até assar o pão em um antigo forno a lenha, utilizando máquinas pré-históricas para moagem e utensílios tradicionais de um fazendeiro. Realizada durante os meses de maio e junho.

O milho: do sabugo a polenta (3-10 anos)

A redescoberta do alimento base da antiga alimentação rural: a coleta do milho até a polenta, utilizando uma máquina do século VIII para a moagem. Realizada durante os meses de setembro e outubro.

A colheita: da uva ao vinho (3-10 anos)

Colheita no vinhedo antigo, esmagar as uvas a mão e a prensagem até a produção do suco de uva seguido por uma degustação. Realizada durante os meses de setembro e outubro.

No início das atividades pedagógicas, o senhor Vanni, educador/animador do conteúdo, se apresenta e faz uma introdução sobre a história da Fazenda Corte Galvagnina, referenciando sempre a idade da fazenda, suas tradições e a biodiversidade existente, explicando ainda regras gerais como, por exemplo, o local onde o lixo deve ser descartado, onde serão realizadas as refeições e onde estão os sanitários.

Após a apresentação os visitantes são então convidados a formar um círculo em um ambiente onde é possível visualizar a estrutura da fazenda (ver figura 1), quando então tem início uma conversa sobre o funcionamento da fazenda e suas quatro partes essenciais: a casa principal, habitada; a casa dos animais pequenos; a casa dos animais grandes e o portão, hoje já não existe um muro cercando a fazenda, o que era necessário antigamente devido às invasões na região.

O educador/animador Vanni aponta para o sol e explica a sua posição atual conforme o horário, complementado com explicações sobre os locais do nascer e do por sol e assim demonstrando que a localização das quatro estruturas da fazenda foi pensada com base na trajetória solar, como, por exemplo, o local onde as comidas são armazenadas e que está localizado onde não há incidência direta do Sol em razão do calor prejudicar diretamente a conservação dos alimentos.

No relato do educador/animador Vanni, esses momentos iniciais são muito importantes para perceber as características e particularidades de cada grupo e assim então iniciar as eventuais alterações no cronograma das atividades e na forma e na profundidade dos assuntos que serão abordados de acordo com as necessidades observadas.



Figura 1 - Roda de abertura com os visitantes

Fonte: acervo das autoras.

Na sequência, o animador/educador Vanni pergunta aos visitantes qual é a estação do ano em que estão e estabelece a relação das estações com os trabalhos desenvolvidos na fazenda. A colheita da uva, do trigo e do milho, por exemplo, então explica o ciclo do trigo, a época da sementeira e colheita. Com algumas espigas de trigos secas, diz que em uma espiga há 42 sementes, em seguida, os visitantes recebem uma espiga para conseguir encontrar as sementes, quando são então questionados suas características como rigidez, cor e sabor.

Os visitantes caminham até o salão que um dia já serviu como “casa dos animais grandes” onde estão dispostas duas mesas cobertas. Vanni questiona os visitantes perguntando se trouxeram farinha

para fazer o pão e explica que o homem cultiva o trigo há muito tempo, pois assim teria mais chances de sobreviver no inverno e que para produzir a farinha triturava os grãos entre pedras. Ele lembra porém que tudo ali só é possível por conta de um elemento fundamental, e então vai até um poço de água e mostra para os visitantes o seu funcionamento.

As mesas são descobertas e as crianças observam as máquinas que os homens pré históricos utilizavam para fazer farinha de trigo. Cada criança recebe um pouco de semente de trigo e então começam a fazer a farinha. Depois de triturar o trigo, as crianças observam como se recolhe a farinha, Vanni mostra o que é uma peneira, uma vassoura pequena e como são utilizados (ver figura 2).

Após o recolhimento da farinha de todos os participantes a farinha de trigo integral já está pronta para uso.



Figura 2 - Visitantes fazendo a farinha manualmente

Fonte: acervo das autoras.

Na sequência as crianças são direcionadas para cozinha, onde acontece uma breve explicação sobre os ingredientes utilizados na fabricação do pão (farinha, água, sal e fermento), sua origem, seu valor nutritivo e a sua importância para a alimentação.

Nesse momento as crianças podem também observar os vários tipos de cereais que geram os diferentes tipos de pães e é demonstrado como é feita a de massa de pão, utilizando a farinha feita pelas crianças para modelar a massa fazendo um *grissino* (palito), trança, e *taralo* (biscoito redondo).

Em seguida, distribui-se uma quantidade pequena de massa de pão já sovada para cada criança, quando são incentivadas a manipular e confeccionar o pães e a colocá-los nas “telhas” onde devem descansar por 20 minutos. Após a massa ter descansado, as crianças auxiliam o senhor Vanni a colocá-las no forno pré-aquecido.

Uma vez assados, os pães são desenformados também com o auxílio das crianças (ver figura 3). Nesse momento o senhor Vanni chama atenção das crianças para o barulho dos pães caindo na cesta e explica que é a partir deste som que tem origem a palavra crocante. Ele mostra a diferença entre o pão feito com a farinha feita por eles, com a farinha integral e os pães feitos com farinha branca, e então cada criança recebe um pão para degustar.



Figura 3 - Momento fazer os pães; Fonte: acervo das autoras

Durante os intervalos da atividade “O grão: a baga ao pão” os visitantes participam de outras atividades como a visita ao jardim aromático, onde as crianças são convidadas a pensar em receitas e a sentir o odor e perceber as características de diversas ervas aromáticas como orégano, hortelã, sálvia, alecrim e manjeriço, este um dos principais ingredientes do molho pesto (ver figura 4).



Figura 4 - Visitantes no atividade do jardim aromático; Fonte: acervo das autoras

Outra atividade realizada na programação é a de alimentar os animais, sempre precedida por uma conversa sobre os animais que as crianças já conheciam e aqueles esperavam encontrar na fazenda. Esta conversa explicava também que para além dos animais que iam visitar existiam na área da fazenda outras espécies selvagens, tais como aves e lebres, sempre com especial atenção à importância do respeito e proteção dos animais.

No momento seguinte as crianças visitam as cabras *Trille* e *Trillo* e os coelhos dentro de suas próprias casas quando podem então ter contato direto com estes animais e alimentá-los de forma mais próxima (ver figura 5). É quando também explica-se o que é produzido a partir de cada espécie e as funções dos animais na fazenda. Esta atividade marca o fim da manhã e a pausa para o almoço que geralmente é servido em mesas dispostas do lado externo, porém nenhuma das refeições como almoço e lanches eram disponibilizadas pela Fazenda Corte Galvagnina, sendo os visitantes sempre responsáveis pelas mesmas.



Figura 5 - Visitantes interagindo com os animais.

Fonte: acervo das autoras

Na parte da tarde os visitantes realizam um passeio em uma carreta puxada por um trator em um percurso de aproximadamente três quilômetros quando visitam diversos pontos importantes da fazenda sempre com orientação sobre os recursos naturais disponíveis no local, conhecem o vinhedo e as plantações de milho e de trigo e conversam sobre os produtos que são obtidos deles e as épocas de colheita (ver figura 6).

O educador, nesse momento, aproveita a oportunidade para mostrar também ninhos de pássaros e animais selvagens encontrados durante o trajeto como lebres; até um arco-íris que por ventura surja no céu é aproveitado com fins didáticos para trabalhar as cores e relacioná-las à fazenda. Durante o percurso é colhido um ramo de folhas de noqueira e após cada criança receber um folha devem

tentar descobrir quais são os três odores ali presentes.



Figura 6 - Passeio pelo campo na carreta puxada pelo trator

Fonte: acervo das autoras

Já quase ao fim do percurso a carreta é estacionada quando o senhor Vanni diz ter visto alguma coisa diferente no chão. Nesse momento as crianças descem, procuram e acham chapeuzinhos de gnomos. Então o educador/animador Vanni as convida para entrar no Bosque Mágico e explica que os gnomos deixaram de presente para cada criança um disco de madeira mas que, elas devem procurá-los pelo bosque, sempre acompanhados por adultos para evitar acidentes. Quando os visitantes são crianças com sete anos ou mais esta atividade é normalmente substituída por uma atividade de caça ao tesouro mais adequada a faixa etária.

5. Considerações finais

A partir da compreensão das atividades pedagógicas realizadas na Fazenda Corte Galvagnina, objetivo principal deste estudo, verificamos se tratar de um espaço privilegiado para a promoção da educação não formal, conforme características apresentadas por Trilla (2003) e Garcia (2009). Nota-se nesse espaço iniciativas de socialização, de solidariedade, que visam o desenvolvimento e preocupam-se, essencialmente, com a mudança da visão de mundo dos visitantes, através de atividades pouco formalizadas, pouco hierarquizadas, favorecendo a participação, proporcionando a investigação em projetos de desenvolvimento pessoal e coletivo.

Durante os roteiros proposto para as visitas, foi possível observar o desenvolvimento do conceito “aprender-fazendo” através de atividades como produção de farinha e pão, utilização dos sentidos para apreciar aromas e texturas das plantas do jardim aromático, passeios de trator em caminhos de paisagens rurais e a pé no “bosque encantado” e ainda poder alimentar e/ou brincar com animais como coelhos, galinhas, vacas e cabras. Estas experiências, enriquecedoras e indeléveis, despertam os sentidos, provocam sensações e emoções e despertam um novo olhar acerca do rural e da natureza, com vivências de grande valia também para o desenvolvimento dos visitantes, em sua maioria estudantes no começo de suas vidas escolares.

Entendemos que a Fazenda Corte Galvagnina também contribui na formação das crianças, auxiliando com a materialização e vivência dos conteúdos da escola ao apresentar novas possibilidades de aprendizagens e de incentivo à criatividade no sentido do que afirma Gohn (2010), no que se refere ao fato da educação não formal não estar, necessariamente, em oposição, mas sim em complementaridade à formal.

Durante todo o processo verifica-se o caráter socioeducativo presente nas atividades oferecidas, pois o roteiro proposto pela fazenda Corte Galvagnina contempla diferentes experiências que possibilitam aos visitantes, através do lúdico, o entendimento de questões que na escola não são facilmente compreendidas. Por exemplo, os aspectos como a valorização das atividades agrícolas e pecuárias, assim como da fauna e da flora, bem como o resgate dos costumes e tradições da vida rural e o conhecimento sobre a origem dos alimentos, que podem servir como aspecto pedagógico interdisciplinar aos professores que visitaram a fazenda com suas turmas.

De acordo com Ventosa (2007), o educador de um espaço não formal é um animador sociocultural, aquele que pode dar vida ao espaço e estimular a participação nas atividades propostas. Sendo

assim, é perceptível o papel dos animadores da Fazenda Corte Galvagnina, em especial do educador/animador Vanni que, desde a mudança da função principal da fazenda, tornou-se no principal mediador das atividades propondo uma intervenção participativa, flexível, criativa e sustentável durante as diferentes experiências que ocorrem nas visitas.

Por fim entendemos que o exemplo de implementação de uma proposta de animação em uma fazenda tradicional italiana que faz diálogo com as escolas, além de gerar trabalho e trazer renda (recursos financeiros) necessários para a manutenção da propriedade, também promove aprendizagens não formais de educação a partir de da valorização de diferentes aspectos da cultura, da memória local, que estão relacionadas com as tradições e modos de vida e trabalho de comunidades que vivem em regiões campesinas. Esperamos a experiência apresentada seja disseminada em outras fazendas na Europa, da América do Sul e, particularmente, pelos interiores do Brasil.

Referências

AFONSO, Almerindo Janela. (2001). Os lugares da educação. In. SIMSON, Olga R. de Moraes Von. PARK. Margareth B. e FERNANDES, Renata S. (orgs). **Educação não-formal: cenários da criação**. Campinas, SP. Ed. Da Unicamp / Centro de Memória.

GARCIA, Valéria Aroeira. (2009). **A educação não-formal como acontecimento**. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da UNICAMP. Campinas.

GARCIA, V. A. (2015). **Educação Não Formal como Acontecimento**. Holambra: Ed. Setembro.

GOHN, Maria da Glória. (2010). **Educação não-formal e o educador social**. Atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez.

KLEIN, Angela Luciane. (2012). **Turismo rural pedagógico e a função educativa das propriedades rurais**: uma análise a partir do roteiro Caminhos Rurais de Porto Alegre, RS e do projeto Viva Ciranda, Joinville, SC. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

NAPOLI, Lucio. (2006) **A new reality for italian rural areas**: Educational farms. University of Salerno: Italy. Disponível em:

<www.openstarts.units.it/dspace/bitstream/10077/865/1/f4napoli.pdf> Acesso em: 22 dez. 2018.

TRILLA, Jaime. (2003). **La educación fuera de la escuela: ámbitos no formales y educación social.** Barcelona: Ariel Educación.

UCAR, Xavier. (2010). **Dimensiones y valores de la animación sociocultural como acción o intervención socioeducativa.** Barcelona. Disponible em:

www.proceedings.scielo.br/pdf/cips/n4v2/43.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2018.

VENTOSA, V. P. (2007). **De que hablamos cuando hablamos de animación sociocultural?**

Animador Sociocultural: Revista Iberoamericana, Salamanca, v. 1, n.2. Disponible em:

<http://www.lazer.eefd.ufrj.br/animadorsociocultural/>>. Acesso em: 22 Dez. 2018.

VENTURA, Magda Maria. (2007). O estudo de caso como modalidade de pesquisa. **Revista da SOCERJ**, 20(5), p. 383-386. Disponible em:

http://sociedades.cardiol.br/socerj/revista/2007_05/a2007_v20_n05_art10.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2018.

COMO CITAR ESTE ARTÍCULO: Mamede Adami, Camila, Rodrigues Pedreschi, Juliana (2019); Educación no formal, animación y turismo pedagógico rural: un estudio sobre las experiencias y aprendizajes propuestos por la hacienda italiana corte galvanigna; en <http://quadernsanimacio.net> ; n° 29; Enero de 2019; ISSN: 1698-4404